

LUTAS PARA CRIANÇAS COM E SEM DEFICIÊNCIA

Martial Arts for children with and without disabilities

Maicon Servílio Pereira¹Leonardo Cavalheiro Scarpato²Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli³Maria Luiza Tanure Alves⁴Edison Duarte⁵José Júlio Gavião de Almeida⁶**Palavras-chave:** Luta. Crianças. Deficiência.

1-Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física da Unicamp, Grupo de Estudos e Pesquisa em Lutas da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Brasil.

2-Pós-graduado em Psicomotricidade-Instituto Nacional de Deporte Y Recreación, Cuba.

3-Pós-graduado em Pedagogia do Esporte Educacional, Brasil.

4-Faculdade de Educação Física da Unicamp, Brasil.

5-Faculdade de Educação Física da Unicamp, Brasil; International Wheelchair & Amputee Sports Federation, IWAS, Grã-Bretanha.

6-Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação Física da Unicamp, Brasil; Comitê Paralímpico do Brasil, Brasil.

INTRODUÇÃO

A luta (arte marcial) passou por um processo de ressignificação. Porém, muitos possuem o receio com a prática, principalmente na escola, por conta do pensamento reduzido de que luta é sinônimo de agressividade, violência, sangue e outros mais.

Por outro lado, embasando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) a prática pedagógica das lutas é um conteúdo programático da Educação Física Escolar, entretanto, a inserção deste tema na escola se depara com barreiras que prejudicam ou até mesmo inviabilizam seu processo de ensino-vivência-aprendizagem.

Os impedimentos mais comuns a prática de lutas ao aluno com deficiência são a falta de conhecimento específico, e por consequência, a insegurança por parte dos professores de trabalhar o tema luta com os alunos e a insciência acerca da deficiência apresentada pelo aluno. Estes podem comprometer o processo pedagógico. A sistematização de ensino, ou a falta desta, também pode ser determinante na compreensão do tema. Uma vez utilizada determinada estratégia não adequada, o aluno com deficiência pode ser levado à crença de que este não é capaz de lutar.

A pessoa com deficiência, diante da marginalização da prática esportiva, segundo

Antunes e Iwanaga (2013), começa a ser responsável por significativas mudanças conceituais. As adaptações ao espaço, às alterações nas regras e a ressignificação do esporte podem favorecer o aluno a explorar o seu potencial sem desconsiderar a sua limitação.

Entende-se por deficiência, segundo Winckler e Mello (p. 51, 2012), "perda ou anormalidade da parte do corpo (estrutura) ou função corporal (função fisiológica)", incapacidade como "um termo para déficit, limitação e restrição de participação" e limitação como "dificuldades que um indivíduo pode ter em realizar uma tarefa".

A partir deste conceito compreendemos o esporte como oportunidade de participação plena nos diversos aspectos da vida cotidiana (Alves, Duarte, 2005).

O processo de ensino-vivência-aprendizagem de lutas para a criança com deficiência deve ser sistematizado de acordo com as necessidades da criança, visando explorar os potenciais sem desconsiderar as limitações que a deficiência pode implicar. A fim de tornar as práticas de lutas e esportes de combate acessíveis a criança com deficiência, sugerimos a utilização do sistema de interações das lutas (Gomes, 2010), como base para a sistematização do ensino de lutas para crianças com e sem deficiência.

A figura 1 explicita o sistema de interação das lutas de curta, média e longa

distância. O termo Curta Distância refere-se às modalidades de luta de contato contínuo, nas quais os oponentes dependem de contato direto e ininterrupto, como por exemplo, judô, jiu-jitsu, sumô e huka huka.

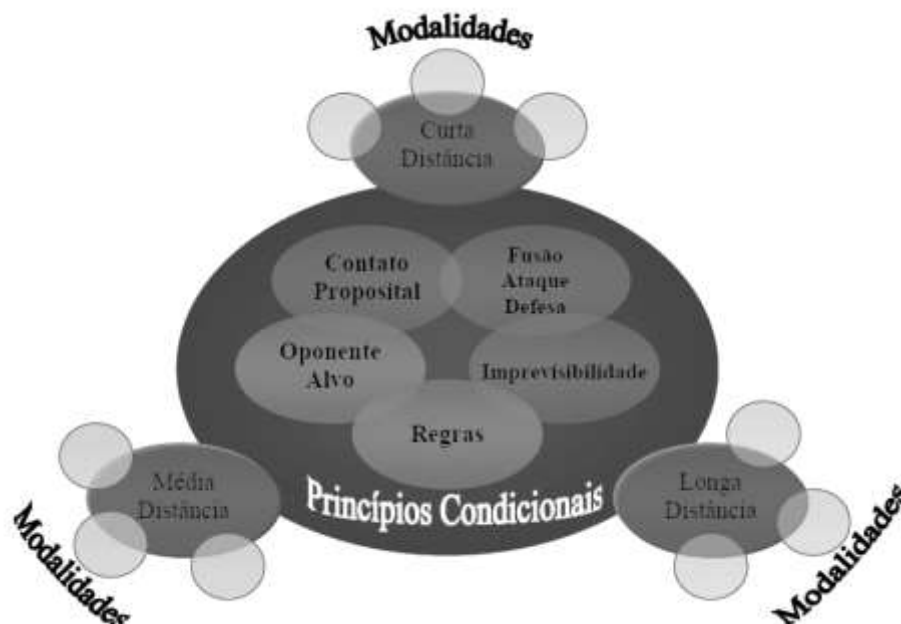
Já o termo Média Distância trata das modalidades de luta de contato intermitente, nas quais os oponentes buscam o contato com diferentes partes do corpo, seguindo as regras, tais como karatê, Taekwondo e boxe.

A longa distância representa as modalidades de luta de contato mediado, onde

as interações dependem de um implemento/ arma, como esgrima e Kendô.

Gomes (2014) baseada em Terrisse explanou que o processo de ensino das Lutas e Esportes de Combate (tratadas no Brasil como Lutas) não ocorre somente com ênfase em um dos pólos da figura 2.

A autora justifica dizendo: “É necessário cooperação para compreensão da lógica dos combates, para a adaptação aos imprevistos das situações de luta” (Gomes, 2014, p. 31).



Fonte: Gomes, 2010, p. 223.

Figura 1 - Sistema de interações das Lutas.



Fonte: Gomes (2014, p. 31).

Figura 2 - Pólos de oposição e cooperação por um ensino do saber lutar.

Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício

ISSN 1981-9900 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbpfex.com.br

Sugerimos a abordagem do tema lutas para todo aluno (com e sem deficiência) de forma lúdica e a fim de estimulá-lo de acordo com suas necessidades e potencialidades considerando suas limitações.

Gomes (2010) sugere o trabalho de habilidades básicas como equilíbrio (estático e dinâmico), rolar, projetar, cair, controlar, excluir, tocar e/ou golpear com mãos, braços, cotovelos, pernas, joelhos e pés e manipulação de objetos como bola, arco, bastão dentre outros.

Estas habilidades proporcionarão bagagem motora para futuras práticas de lutas, pois estas são capacidades básicas presentes em todas as lutas de curta, média e longa distância.

CONCLUSÃO

É preciso deixar de enxergar o aluno com deficiência e sem deficiência como um ser que virá a existir e passar a vê-lo como um ser que já existe. Um ser humano em construção, porém já dotado de cultura, sonhos e desejos, além de uma potencialidade intrínseca e particular. Um agente influenciador da sociedade. Cabe ao professor conhecê-lo e considerar suas limitações e explorar seus potenciais.

A vivência de uma manifestação cultural deve ser uma das principais intenções pedagógicas do professor.

REFERÊNCIAS

Alves, M. L. T.; Duarte, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física da escola: impedimentos e oportunidades. *Human Social Science*. Maringá. Vol. 27. Núm. 2. p.231-237. 2005.

Antunes, M. M. (org.), Iwanaga, C. C. Aspectos multidisciplinares das artes marciais. Jundiaí. Paco Editorial. 2013. 172 p.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 7/10/2016.

Gomes, M. S. P.; e colaboradores. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos

situacionais. *Movimento*. Vol.16. Núm. 2. p.207-227. 2010.

Gomes, M. S. P. Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. 2008. 139 p.

Gomes, M. S. P. O ensino do saber lutar na universidade: estudo da didática clínica nas lutas e esportes de combate. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. 2014. 183 p.

Pereira, M. S. Projeto de extensão Escolinha de lutas: uma estratégia pedagógica. Orientação de José Júlio Gavião de Almeida. Campinas. 2013. 64 p. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000949076>>. Acesso em: 9/10/2016.

Oliveira Filho, C. W.; Mello, M T. Esporte Paralímpico. São Paulo. Atheneu. 2012. 254 p.

Zambelli, R. M. O. Violência Escolar: A prática do Karatê-Do no Programa Escola da Família. TCC de Graduação na Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2013.

AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA.

Seminário de Lutas no contexto escolar e ambientes educacionais - reflexões e práticas pedagógicas 2016.

Recebido para publicação 10/10/2016
Aceito em 15/10/2016